

# Corpo se renova com “Nazareth”

Fotos: José Luiz Pederneras

*O espetáculo Nazareth empolga pela síntese do erudito e do popular, com um acabamento sutil e surpreendente: o uso da técnica do espelho na música de José Miguel Wisnik*

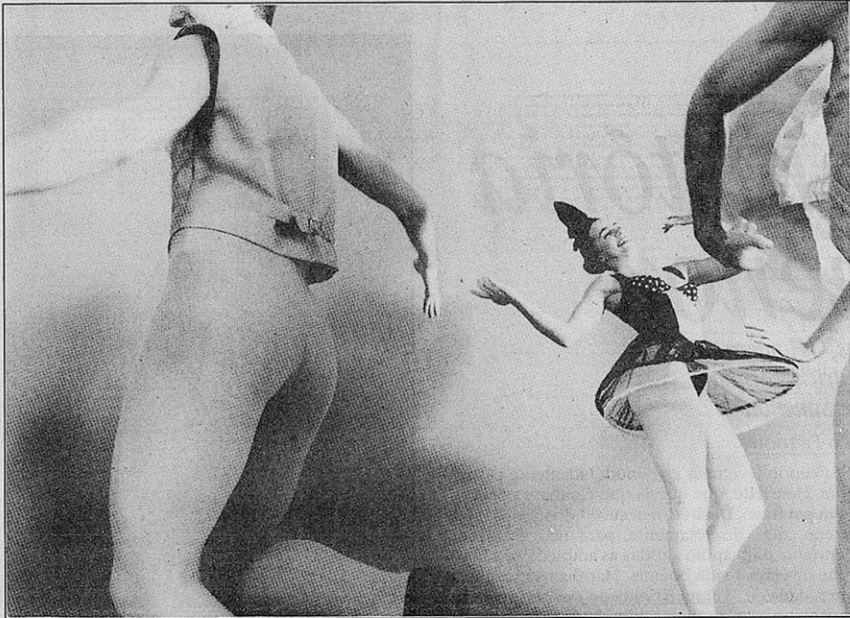
Ana Francisca Ponzo

Neste fim de semana, para se ouvir música da melhor qualidade não é preciso ir a casas de shows ou concertos. É o mais bem-sucedido grupo de dança do Brasil — o Corpo — que está lançando no Teatro Municipal de São Paulo a belíssima composição instrumental de José Miguel Wisnik, uma polifonia que procura sintetizar o que há de popular e erudito na cultura musical brasileira. A partir da simultaneidade sonora de elementos aparentemente opostos, o coreógrafo Rodrigo Pederneras promove, por sua vez, o encontro da dança acadêmica com a dança que o povo produz espontaneamente pelas ruas e salões. Esse cruzamento de expressões, articuladas com sutileza e conduzidas pela ambigüidade, faz de Nazareth um dos mais sofisticados espetáculos já produzidos pelo Grupo Corpo.

A música de Ernesto Nazareth, que serve de tema para o espetáculo, funciona como um signo. Com as analogias que a obra do compositor proporciona, Wisnik e Pederneras puderam explorar as confluências de opostos e questionar o que é clássico ou popular. Estendidas à literatura de Machado de Assis, as simbologias permitem traçar um campo infinito, onde o que faz parte do passado se confunde com o contemporâneo. Na música, essa ideia é muito bem trabalhada. Embora contenha algumas citações explícitas da obra de Nazareth, a composição de Wisnik é absolutamente nova e revela um autor sensível à dança. Basta observar a expressão dos bailarinos para constatar que a obra envolve o elenco numa massa sonora embriagadora. Involuntariamente, o espetáculo também acaba associando tons regionais — há algo de mineiro percorrendo principalmente a cenografia, enquanto a música sugere, por vezes, uma urbanidade futurista e paulista.

Além de Wisnik e Rodrigo Pederneras, Nazareth conta com mais três colaboradores fundamentais. Freusa Zechmeister deixou a imaginação voar nos figurinos, que trazem a brejeirice ingênua dos tempos de Nazareth para os tempos modernos. As imensas rosas que compõem o cenário de Fernando Velloso fazem pensar que assim devia ser a decoração dos cinemas e salões antigos. Só que suas pétalas de metal sugerem resistência ao tempo e, por vezes, revestidas pela esplêndida iluminação de Paulo Pederneras, completam as imagens que parecem surgir, sem nostalgias, de um álbum de fotografias em preto e branco — cores básicas do espetáculo; somadas ao cinza e sépia.

Música, coreografia, cenários, iluminação e figurinos



Elenco do Grupo Corpo: brejeirice nos figurinos e dançando ao som de uma massa sonora embriagadora



O bailarino Rui Moreira em um duo de Nazareth

se movem ao ritmo do verso e reverso — como se as imagens, sonoras ou visuais, pudessem ser vistas uma através da outra. Nesse aspecto, funciona mais uma ideia utilizada por Wisnik: a leitura ao contrário da música de Nazareth, por meio da técnica do espelho. Seguindo essa trilha, Rodrigo Pederneras cria contrapontos nas seqüências de danças. Rodrigo parece ter se baseado em mãos ao piano: quando a mão direita abre um caminho, a esquerda surge com efeito de ímã, puxando para um lado oposto. Por isso, ele não se entrega a explosão fácil de movimentos que poderiam se limitar a uma dança de caráter meramente popular. Nazareth contém o tom buliçoso da época dos maxixes, mas não apela para para rebolados ou requiebrs. Para introduzir um ar renovado na técnica clássica que tem como matéria-prima, Rodrigo se apóia na ondulação das formas, suprimindo o eixo rígido do corpo acadêmico — o que valoriza a vibração incontível de bailarinos como Rui Moreira.

## SERVIÇO

**Grupo Corpo — 21**  
(música do grupo Uakti) e  
**Nazareth** (música de José  
Miguel Wisnik). Hoje, 21h;

dom, 17h. T. Municipal (Pça.  
Ramos de Azevedo, s/nº, ☎  
222-8698). Cr\$ 50 mil a Cr\$  
200 mil.